

movimento teosófico têm com o velho cristianismo primitivo. Assim como a atual Loja Unida de Teosofistas – que funciona como uma federação de estudantes livres – o cristianismo dos primeiros séculos também não possuía instituições formais e burocracias. Só na idade média o Vaticano montou o cristianismo imperial e ritualista. E foi depois da fase pioneira do movimento esotérico que surgiu, a partir de Adyar, o problema da “autoridade” e da crença cega; mas há setores do movimento que mantêm a proposta original.

Na Palestina, a relação entre Jesus e as burocracias sacerdotais do seu tempo foi de confronto, do mesmo modo como H. P. Blavatsky confrontou e foi confrontada pelas burocracias eclesiásticas do século 19.

Para a filosofia esotérica, a vida real de Jesus foi bastante diferente da narrativa simbólica feita pelos evangelhos. Ao falar do verdadeiro Jehoshua – o Jehoshua histórico – a teosofia traz dados e informações do Talmude judaico. Em sua obra "Ísis Sem Véu", H. P. Blavatsky mostra que a perseguição de Jesus (não por todo o povo, mas pela seita dos fariseus) se deveu à sua postura universalista e inter-religiosa, ou seja, teosófica. Citando como fontes o "Sefer Toldos" do Talmude e também o autor Eliphas Levi, H.P.B. afirma:

“ (.....) O mesmo talmudista diz, mais adiante, em essência, o seguinte: Jesus foi lançado à prisão e ali permaneceu por quarenta dias; depois foi flagelado como um rebelde sedicioso; depois apedrejado como blasfemador numa praça chamada Lud e finalmente crucificado. ‘Tudo isso’ – explica Levi – ‘porque revelou ao povo as verdades que eles [os fariseus] queriam guardadas para seu próprio uso. Ele havia adivinhado a teologia oculta de Israel, a havia comparado com a sabedoria do Egito, e havia deduzido a necessidade de uma síntese religiosa universal’.” [1]

Ou seja, a tradição da sabedoria universal é não-sacerdotal e não-burocratizada. Ela tem se mantido longe da ação das castas sacerdotais convencionais, que se apresentam como se fossem proprietárias do conhecimento divino e “intermediárias” entre a sabedoria divina e a população desinformada.

A verdadeira teosofia tem, pois, traços essenciais em comum com o cristianismo primitivo (e com a sabedoria interna das outras religiões e filosofias). Do mesmo modo, a pseudo-teosofia burocratizada e ritualista de Adyar tem seu estilo de atuação semelhante ao do cristianismo convencional do Vaticano e ao das cascas burocratizadas de outras religiões.

Na transição mundial em que vivemos, o carma humano muda rapidamente. Há agora na luz astral uma energia sutil que favorece a ruptura de cascas falsas e de estruturas limitadoras da verdade. Isto será especialmente verdadeiro entre 2008 e 2023, porque neste período o planeta Plutão estará em trânsito pelo signo de Capricórnio. As circunstâncias provocam uma purificação que abre caminho para os novos tempos de consciência mental pura, elevada, ampliada e clara, características da era de Aquário.

Quando houve a passagem mais recente de Plutão por Capricórnio? Ela ocorreu às vésperas das revoluções norte-americana de 1776 e francesa de 1789. Foi o momento de emergência dos direitos humanos e início da transição para a era de Aquário. Já o ponto central da transição para Aquário foi o ano de 1900, segundo indicado por H. P. Blavatsky. Agora o trabalho de Plutão irá completar mais uma etapa da transição. Essa tarefa inclui alterações na relação ecológica e geológica entre o ser humano e o planeta.

No plano do movimento teosófico, os próximos anos são uma oportunidade única para que se rompa com as cascas burocráticas ilegítimas e as crostas de ilusões e crença cega. O mesmo ocorre na vida de cada pessoa: é um momento para renovar e renascer. Ficar interiormente estacionado é impossível. Existe a possibilidade viva de estabelecer “uma nova aliança, não da letra, mas do espírito, porque a letra mata, mas o espírito vivifica” (2 Coríntios, 3:6).

NOTA:

[1] "Ísis Sem Véu", H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, edição em quatro volumes, ver volume III, p. 178. Ver também página 202, volume II, "Isis Unveiled", Theosophy Co., Los Angeles.

Uma Obra Única nos Últimos 25 Séculos

O Lugar de H. P. B. na Literatura Mundial

Para quem observa com objetividade a evolução da literatura esotérica no período que vai desde 1950 até a primeira década do século 21, há um duplo fenômeno editorial.

De um lado, os livros de Annie Besant e C.W. Leadbeater, antes best-sellers, têm sido abandonados por leitores e editores devido à superficialidade dos seus conteúdos e aos seus numerosos erros, que o tempo tornou óbvios. De outro lado, as obras de Helena P. Blavatsky ganham novas edições em diferentes idiomas. Mesmo hoje, quase cento e vinte anos depois da morte de H.P.B., ainda há escritos inéditos dela, sendo planejados para publicação em inglês.

Deve-se olhar o conjunto da história humana para compreender a estatura de HPB. Desde que o uso da escrita generalizou-se, gradualmente, em um processo começado em torno de 2.500 anos atrás, poucos pensadores de qualquer época ou área de conhecimento tiveram, mais de um século depois de sua morte, as suas obras ainda publicadas em dezenas de volumes e em vários idiomas ao redor do mundo. HP.B. está entre eles.

Mas qual é o perfil do conjunto da obra desta pensadora russa?

Na bibliografia teosófica, o maior empreendimento editorial do século vinte foi a coleção de 15 volumes dos “Collected Writings”, os “Escritos Reunidos” de H.P.B. em inglês. Ali estão os seus textos curtos, e sua publicação concluiu-se já nos anos 1990.

Além dos “Collected Writings”, cuja importância e valor são extraordinários, temos as obras mais famosas de H.P.B., “A Doutrina Secreta” (seis volumes na edição brasileira), e “Ísis Sem Véu” (quatro volumes na edição brasileira). Há também as suas numerosas obras que cabem cada uma em um só volume. Entre elas, “A Voz do Silêncio”, “A Chave Para a Teosofia”, “Glossário Teosófico”, “Letters of H.P.B. to A.P. Sinnett” (“Cartas de H.P.B. para A.P. Sinnett”), “Transactions of the Blavatsky Lodge” (“Atas da Loja Blavatsky”), “The Inner Group Teachings” (“Ensinaamentos ao Grupo Interno de Londres”), e “From the Caves and Jungles of Hindustan” (“Das Cavernas e Florestas do Hindustão”).

Por uma questão de afinidade de conteúdo e unidade de idéias, devemos colocar ao lado da vasta obra escrita de H.P.B. e no primeiro plano da literatura teosófica as “Cartas dos Mahatmas” (editadas por Trevor Barker), as “Cartas dos Mestres de Sabedoria” (editadas por C. Jinarajadasa); a obra “Luz no Caminho” e os livros de William Q. Judge.

Os livros e escritos de Robert Crosbie, B. P. Wadia, Subba Row, Damodar Mavalankar e Eliphas Levi, entre outros, constituem uma valiosa literatura de apoio.

Com este material, do qual apenas uma pequena parte já está disponível em português, temos hoje uma literatura ou um **cânone** filosófico sem igual em extensão e em profundidade. Um tal conjunto de ensinamentos não tem paralelo no âmbito do movimento esotérico, e também é único na literatura mundial dos últimos 2000 anos. Não há de fato, na literatura humana, um corpo de ensinamentos nem remotamente parecido.

Outras grandes obras de sabedoria, conhecidas por seu grande porte, são, por exemplo:

- * Os escritos de Platão (um pitagórico de 23 séculos atrás);
- * a Torá e o Talmude judaico;
- * As grandes obras indianas (os Vedas, etc.); e
- * O vasto cânone budista, o Tripitaka.

Mas só a obra escrita por H.P.B., em cooperação com os Raja Iogues dos Himalaias, nos dá uma chave universal que permite abrir todas as portas da **Torre de Babel** do conhecimento humano. E HPB o faz em uma linguagem relativamente acessível ao público moderno.

A tendência bibliográfica no movimento teosófico tem sido indiscutível, e por bons motivos, portanto. Os escritos do ensinamento original têm tido o seu valor reconhecido à medida que passa o tempo, enquanto as obras da fase pseudo-teosófica (1900-1935) caem no esquecimento, assim como outras obras superficiais mais recentes. Possivelmente, esta tendência natural irá prosseguir. Nas próximas décadas e séculos, a literatura teosófica autêntica deverá chegar a mais idiomas e mais países, influenciando novas gerações de autores.

Podemos mencionar um exemplo ibérico de desafio editorial e histórico. A Sociedade de Adyar abandonou na década de 1970, em língua inglesa, a edição adulterada de “A Doutrina Secreta”, que fora “preparada” e publicada por Annie Besant em 1897. Não se trata de uma edição inútil para o leitor, e, na ausência de outra melhor, merece ser estudada e é muito útil. Mas está prejudicada, especialmente nos volumes cinco e seis, e por isso a própria Sociedade de Adyar abandonou esta edição. Adyar adotou, em inglês, uma edição igual à original, tal como fazem desde o início a Loja Unida de Teosofistas e a Sociedade de Pasadena.

No entanto, em português e em espanhol, só a edição defeituosa e pouco legítima de “A Doutrina Secreta” está disponível até hoje.

Um estimulante desafio bibliográfico para os estudantes de língua espanhola e portuguesa é promover, nos próximos anos ou décadas, a publicação de edições autênticas e originais desta

obra máxima da filosofia esotérica. O caso de “A Doutrina Secreta” é apenas um exemplo entre outras oportunidades que estão à frente dos teosofistas.

Outro ponto a ser observado diz respeito ao estudo da obra de H.P.B. Os autores que produziram uma versão adulterada do ensinamento criaram o tabu segundo o qual “é impossível ler HPB”. De acordo com este mito, a obra dela seria “excessivamente difícil”. Assim, apresentaram a sua própria versão falsificada, açucarada e “facilitada” de teosofia, como se fosse algo equivalente à obra de H.P.B.

É necessário, por isso, examinar de frente a questão: até que ponto a leitura de H.P.B. é “demasiado difícil”?

Seguramente, a preguiça mental deve ser deixada de lado, quando vamos ler HPB. Os textos da teosofia autêntica não estão dirigidos ao eu inferior. Eles estão dedicados e dirigidos aos que querem aprender a ter olhos para ver. A sua leitura desperta novas conexões cerebrais e um novo tipo de inteligência no estudante, e por isso parece difícil à primeira vista. Trata-se da inteligência espiritual ou buddhi-manásica, a nova inteligência planetária e universal, a inteligência que permite o verdadeiro auto-conhecimento.

Esta nova inteligência é a marca pioneira das civilizações do futuro. Sua visão de mundo caracteriza os pioneiros de um novo tipo de mentalidade humana, que é chamada, em filosofia esotérica, de “sexta sub-raça da quinta raça-raiz da humanidade”. Neste termo técnico, a palavra “raça” não se refere a características físicas, mas sim a um arquétipo psico-espiritual universal, que emerge simultaneamente em indivíduos de todos os povos, raças físicas, castas e classes sociais, e que emerge através do sentimento e da compreensão da fraternidade universal entre todos os seres, o que permite vencer pragas sociais como racismo, destruição do meio ambiente e toda forma de desrespeito pela vida.

O despertar desta nova inteligência é gradual. Ele pode ser vivido mais diretamente por aqueles que vencem a preguiça emocional e a rotina mental. Para isso, é suficiente tomar a decisão de trilhar firmemente o Caminho do auto-conhecimento, enquanto se reúne os elementos da verdade universal espalhados pelas diferentes tradições culturais, religiosas e filosóficas da humanidade. Os textos de HPB se referem a cada página a muitos autores, realidades, países e épocas distintas. Toda atenção é requerida do leitor. Dicionários e uma enciclopédia, além do Glossário Teosófico de H.P.B., são muito úteis quando lemos “A Doutrina Secreta”, “Ísis Sem Véu” e outras obras.

Em compensação pelo esforço, o estudante é levado a compartilhar sem intermediários a visão intelectual e intuitiva dos Iniciados e dos Raja Iogues. Para tais sábios, toda a evolução humana é como uma única página aberta do livro da vida; um panorama abrangente que corresponde a um momento da evolução maior do universo e do planeta. A “biografia” ou história de vida do cosmo deve ser compreendida pelo estudante ao mesmo tempo que ele alcança o conhecimento do seu verdadeiro eu.

NOTAS:

[1] “H. P. Blavatsky - a Great Betrayal”, Alice Leighton Cleather, Thacker, Spink & Co., Calcutta, 1922, 96 pp., ver pp. 89-90, nota al pie.

00000000000000000000000000000000

De Volta Para Blavatsky: O Saldo de um Movimento Histórico

Quase exatamente um século atrás, em 18 de fevereiro de 1909, um pequeno grupo de estudantes reuniu-se em Los Angeles para fundar a Loja Unida de Teosofistas. O objetivo era resgatar os ensinamentos autênticos e a proposta original do movimento teosófico, que havia sido fundado por H. P. Blavatsky em 1875.

Naquele momento os ensinamentos mais profundos e o Programa Original do movimento estavam amplamente esquecidos nas duas grandes Sociedades Teosóficas que rivalizavam pela liderança mundial do movimento. Eram a Sociedade de Adyar, na Índia, e a de Point Loma (hoje Pasadena), nos Estados Unidos.

Os entusiasmos clarividentes e de “contatos com Mestres” eram especialmente fortes em Adyar, e só perderiam impulso, gradualmente, a partir dos anos 1930.

Alguns anos depois do surgimento em 1909 da pequena e silenciosa Loja Unida de Teosofistas, surge, dentro e fora da Sociedade de Adyar, o movimento “Back to Blavatsky” (“De Volta Para Blavatsky”). Os líderes deste movimento de idéias alegavam que era tempo de retomar o bom senso. Era preciso estudar a teosofia real e deixar de lado as fantasias de poderes clarividentes, os rituais, a busca de novidades especulares, etc.

Em torno de 1920, no auge deste movimento (minoritário) pela volta à simplicidade, surgiram os livros de Alice Cleather. Aluna direta de H.P. Blavatsky e ex-integrante do grupo interno da escola esotérica em Londres, Alice Cleather traçou em sua obra um retrato duro, mas verdadeiro, do que ocorria com Adyar sob a liderança de Annie Besant e Charles Leadbeater. Criticou também a Sociedade de Point Loma. Mas assinalou, em 1922, que Point Loma tinha o mérito de publicar naquele momento uma nova edição de “A Doutrina Secreta”, a obra magna de H.P.B., que era fiel ao original e não tinha as inúmeras adulterações da edição ilegítima publicada por Annie Besant, em Adyar em 1897. [1]

Alice foi uma das expressões mais fortes do movimento “De Volta Para Blavatsky”. Ela mostrou o profundo contraste entre o que era verdadeiro e o que era falso. Outra cabeça importante do movimento “Back to Blavatsky” foi o senhor B.P. Wadia, da Índia, que naquele momento era um dos líderes de dimensão internacional da Sociedade de Adyar. Depois de algum tempo, B.P. Wadia desistiu das tentativas de trabalhar através desta Sociedade e a abandonou em julho de 1922, para ingressar na Loja Unida de Teosofistas. Foi a partir de então que a L.U.T. passou a ter uma dimensão internacional mais forte. Em uma análise retrospectiva, constata-se o indiano B.P. Wadia (1881-1958) foi um dos autores e líderes mais importantes do movimento teosófico no século vinte.

Na segunda metade do século vinte, a principal expressão internacional da Proposta Original do movimento dentro de Sociedade de Adyar, foi o teosofista inglês Geoffrey A. Farthing (1910-2004). Seu manifesto de 1996, pedindo o resgate dos ensinamentos autênticos, não só teve grande repercussão mas constitui a melhor proposta prática para que Adyar possa avançar de modo correto no futuro.

Embora nunca tenha predominado politicamente em Adyar, a proposta “Back to Blavatsky” teve um impacto positivo extremamente forte sobre o rumo das Sociedades de Adyar e de Point Loma/Pasadena. Entre os seus resultados indiretos, podemos destacar três pontos:

1) A publicação dos “Escritos Reunidos” de H.P. Blavatsky (“Collected Writings”), em 15 volumes, em inglês. Esta publicação foi feita por Adyar, mas sob direção de Boris de Zirkoff, um dos líderes da Sociedade de Point Loma/Pasadena. Foi o maior projeto editorial do século vinte, feito em cooperação entre as duas Sociedades Teosóficas.

2) O abandono pela Sociedade de Adyar, na década de 1970, da edição ilegítima de “A Doutrina Secreta”, que fora publicada em 1897 por Annie Besant, e a adoção de uma edição fiel ao original, preparada por Boris de Zirkoff.

3) A publicação por Adyar de vários livros na linha “De Volta Para Blavatsky”. Entre eles estão “Damodar”, de Sven Eek, “HPB, Tibet and Tulku”, de Geoffrey Barborca, a edição de Adyar das “Cartas dos Mahatmas”, as obras de Geoffrey Barborca e Virginia Hanson sobre as “Cartas dos Mahatmas”, e toda uma linha de literatura autêntica estimulada desde o tempo de C. Jinarajadasa, nos anos 1930. Esta tendência saudável prosseguiu até a década de 1990, já sob a liderança de Radha Burnier.

Ao contrário do que os seus opositores afirmam, o movimento “De Volta Para Blavatsky”, não propôs jamais uma volta para o passado. Ele lutou por uma retomada do eixo fundamental, em direção a um futuro correto e durável. Pensava-se então algo que é válido até hoje: o que é ilusório e pseudo-teosófico passa, mas o que é verdadeiro permanece, e é resgatado.

E, de fato, a tendência de que seja revalorizado o programa original tem-se desdobrado lenta e constantemente, como um processo natural e uma necessidade histórica objetiva.

NOTAS:

[1] “H. P. Blavatsky - a Great Betrayal”, Alice Leighton Cleather, Thacker, Spink & Co., Calcutta, 1922, 96 pp., ver pp. 89-90, nota al pie.

00000000000000000000000000000000

Um Diálogo no E-grupo *SerAtento*: Os Diversos Níveis da Lei do Carma

Estudante A: Como funciona a lei do Carma, em relação aos vários planos de existência que sabemos que existem?

Estudante B: Cada ação ocorre em vários níveis de consciência ao mesmo tempo: o físico, o emocional, o mental, etc. Mas as reações cármicas ocorrerão “por camadas. ou fatias”, correspondendo, em cada nível da realidade, à energia colocada naquele mesmo nível pelo autor da ação. Vejamos um exemplo.

Se alguém faz uma ação errada no plano físico, mas estava motivado por uma boa intenção emocional, haverá um carma desagradável no plano físico, porém a pessoa colherá um carma

positivo, agradável, no plano emocional. Examinemos o exemplo contrário. Digamos que a ação é fisicamente altruísta e solidária – como ajudar os pobres que passam fome – mas que isso é feito com uma emoção de vaidade espiritual e com uma busca de prestígio e honras. O carma da ação física e social é positivo no seu plano; mas o carma das emoções e dos pensamentos está misturado e impuro e inclui uma importante dose de negatividade.

Estamos falando aqui de carma agradável e carma desagradável, ou de carma positivo e negativo. Mas não falamos de “carma bom” e “carma ruim”. A razão disso é que, na verdade, nenhum carma desagradável é mau, porque todo ele produz lições e conduz à sabedoria da alma.

Deve-se levar em conta, também, que o que ocorre no plano superior, das intenções, é sempre mais importante. O que está acima projeta sua influência, “em cascata”, sobre os planos inferiores de existência. Quando há boa intenção e se erra, a intenção correta saberá corrigir naturalmente os erros práticos. Mas é muito mais difícil corrigir uma intenção egoísta ou errada.

O jogo cármico de ações e reações opera de modo visível principalmente nos planos inferiores, da mente concreta para baixo. Mas, mesmo aí, grande parte dele é inconsciente, e por isso o auto-conhecimento é fundamental em todos os momentos. Assim como a auto-disciplina.

Estudante A: Existe Carma nos planos superiores de consciência?

Estudante B: Sim. Ação é carma. Os dois termos são sinônimos, se levarmos em conta que toda ação provoca resultados. Sabemos que não há nada imóvel no universo: portanto, tudo é ação, tudo é carma, no universo manifestado. Inclusive nos seus planos superiores.

Vejamos um exemplo concreto. O eu inferior aprende a escutar a alma imortal, enquanto a alma imortal aprende a ser escutada pelo eu inferior. Assim, há uma ação no plano da alma imortal. As conseqüências cármicas desta ação incluem, a longo prazo, o fato de que na próxima encarnação este indivíduo nascerá com uma sabedoria naturalmente maior. É um carma positivo adquirido. Mas também a curto prazo, à medida que passar o tempo nesta mesma encarnação, surge uma sabedoria naturalmente maior. Todos nós somos exemplos disso: se alguém começar a estudar teosofia seriamente no dia de hoje, amanhã mesmo haverá uma luz mais forte em várias camadas de seu mundo psicológico.

Se o estudante perseverar, dentro de um mês, e dentro de um ano, a diferença para melhor terá atingido dois níveis diferentes e crescentes. É claro que os níveis inferiores do mundo psicológico criarão testes e armadilhas. Porém, havendo perseverança, dentro de dez anos o resultado será muito mais forte do que de um dia para o outro, ou de um mês para o outro. A moderação e a perseverança são duas chaves. A intensidade vem com o tempo: o importante é começar e perseverar. O estudante deve estabelecer um ritmo que não seja “extraordinário” mas seja sustentável – e mantê-lo com firmeza.

Na próxima encarnação, o novo eu inferior será herdeiro das ações e das reações cármicas que foram vividas pelo eu inferior da encarnação atual. Estamos todos plantando o que colheremos. Mas, no que tange a vidas futuras, a colheita será feita em outros eus inferiores, que não lembrarão diretamente da vida atual. Enquanto plantamos, também colhemos frutos de um passado. Este processo não é só individual, mas também coletivo. A ignorância e a

sabedoria grupais e sociais determinam muito da nossa caminhada individual, influenciando as oportunidades que temos e os obstáculos que nos limitam.

Em resumo: o mesmo eu superior de hoje, apenas um pouco mais experiente e sábio, será, na próxima encarnação, o grande herdeiro das ações e das reações do eu inferior e do eu superior na encarnação atual. Mas esta herança terá que ser administrada no dia a dia pelo novo eu inferior da próxima encarnação. E o carma se colhe sempre no plano em que ele foi plantado, tanto na mesma vida como na vida seguinte. O carma emocional é um. O carma mental é outro. O carma físico, outro.

Estudante C: Obrigado. Entender a lei do Carma é algo que dinamiza a compreensão da vida, e isso em si mesmo já conduz a uma vida mais equilibrada e produtiva. A idéia de que o carma é colhido na mesma esfera em que é plantado é para mim um ensinamento lógico e avançado. Há na vida uma infinidade de combinações de ações nos planos físico, mental, emocional, a ponto de ser difícil, em certas situações, dizer se alguma coisa produziu bons ou maus efeitos.

Entender que algo pode resultar em carma positivo num determinado plano, e negativo em outro, faz sentido, e explica um pouco mais a imensa complexidade da existência.

Estudante B: Claro. Perfeito. Além disso, o carma não varia apenas conforme o plano de existência ou nível de consciência. Ele também varia em função do tempo ou prazo.

O carma (o resultado) de uma ação correta pode ser inicialmente difícil e desconfortável, e mais tarde ele passa a ser agradável. Um exemplo disso ocorre toda vez que o estudante decide criar um hábito novo e saudável. Pode ser o hábito do estudo diário, ou uma alimentação mais adequada, ou o hábito de caminhadas diárias meditativas. No início, tudo parece difícil. Há que vencer a preguiça mental, ou talvez a gula, ou a preguiça física e a ilusão da “falta de tempo”. Criado o bom hábito, tudo fica mais fácil.

Por outro lado, o carma (o resultado) de uma má ação pode ser inicialmente agradável, e mais tarde será desastroso. Exemplo: qualquer forma de preguiça e indulgência no início é atraente, até que vem o desastre. Por isso o desenvolvimento do discernimento é uma meta fundamental para todo estudante.

Estudante A: Correto. O papel do discernimento parece mesmo indispensável e para desenvolvê-lo, é necessário observar calmamente o “carma difícil”.

Estudante B: Sem dúvida. A chave do êxito está em tentar agir da melhor maneira que podemos, e observar a margem de erro, corrigir a pontaria, tentar de novo, e prosseguir sempre neste ciclo. Tentar é a chave.

0000000000

O texto acima foi adaptado de um diálogo do e-grupo *SerAtento* no início de junho de 2008.

00000000000000000000000000000000

Pergunta e Comentário no E-grupo *SerAtento*: É Preciso Complicar o Caminho Teosófico?

Pergunta:

Estive lendo textos de Robert Crosbie no www.filosofiaesoterica.com. Eles chamam atenção pela simplicidade. O caminho teosófico não pode ser mais simples? Por que complicar com tanta teoria, como às vezes fazemos?

Comentário:

Sem dúvida, Robert Crosbie é um autor que nos traz para a simplicidade. Ao mesmo tempo, ele não nega a necessidade de pensamentos complexos. Você pergunta “por que complicar?” Todos nós nos fazemos esta pergunta de vez em quando, e isso é bom. Mas devemos reconhecer a complexidade quando ela existe. Não há a possibilidade de escolher entre o simples e o complexo. Precisamos de ambos.

As dinâmicas e conexões que permitem um computador funcionar, por exemplo, são inevitavelmente complexas. O mesmo ocorre com um aparelho de televisão, um telefone celular, um avião, um satélite de comunicações ou uma nave espacial. No plano mais sutil, são inevitavelmente complexos o cérebro humano, suas emoções e seus pensamentos.

No plano intelectual, é complexa a obra de H. P. Blavatsky. São complexos os níveis de ensinamento que se encontra nas “Cartas dos Mahatmas”. São infinitas as possibilidades de conexão e compreensão no cérebro humano. Negar isso seria reduzir-nos, limitar-nos, mecanizar-nos.

Em inúmeros momentos, portanto, não é desejável rejeitar a complexidade. Em outros, não é possível fazer isso. Como quando perdemos alguém que amamos. Como quando ficamos perplexos. Como quando começamos a estudar Física, Astronomia ou Química.

Ao mesmo tempo, existe a simplicidade. Muitas vezes é possível abraçar a simplicidade, a síntese, o despojamento, o desapego, a renúncia, a pobreza, o silêncio. E devemos fazê-lo. Mas o contraste entre simplicidade e complexidade existe e é necessário. Estes são os dois termos de uma equação sagrada, e nenhum deles pode ser suprimido. O que devemos fazer é olhar com lucidez, e viver com integridade, tanto aquilo que é complexo quanto aquilo que é simples.

Não há, claro, necessidade de complicar o que é simples. Mas tampouco é correto simplificar indevidamente o que é complexo. O que hoje parece simples, amanhã terá que ser reconhecido como complexo. E vice-versa. O telefone celular e o computador parecem simples, mas quando deixam de funcionar, reconhecemos a sua complexidade. Ambos voltam à “simplicidade natural” quando funcionam de novo. O mesmo ocorre em outros aspectos da vida. Temos, portanto, que aceitar e conviver com o simples e o complexo,

o uno e o múltiplo, o consciente e o inconsciente; e aprender com ambos. Na busca do conhecimento, a análise e a síntese são igualmente importantes.

0000000000000000

O texto acima foi adaptado de um diálogo do e-grupo SerAtento no início de junho de 2008.

00

Aspectos da Caminhada Espiritual

Quatro Etapas Que São Quase Simultâneas

Parece haver quatro momentos ou aspectos na caminhada espiritual; e eles são, em parte, simultâneos.

Quando o indivíduo descobre o seu potencial sagrado e tem uma primeira visão do seu verdadeiro eu, ele se encontra com a essência da sabedoria divina. Ele tem um vislumbre da filosofia esotérica e olha no espelho mágico do seu desenvolvimento futuro. É o primeiro momento da caminhada.

Então surge o segundo momento, e o mundo externo perde o interesse para ele. O cidadão pensa:

“Quanto mais eu percebo o aspecto imortal e profundo do meu próprio ser e do universo, mais fica sem vida e sem sentido o mundo externo convencional.”

Como conseqüência da tensão criadora provocada por este dilema, o aprendiz chega a um terceiro momento. Agora ele passa a reduzir gradualmente sua relação com o mundo externo. Para isso, usa a prática da renúncia e da simplicidade.

Esta é uma conseqüência natural da sensação anterior de “perda de sentido” do mundo exterior. O estudante simplifica sua vida externa pouco a pouco. Ele aprende a aproveitar as oportunidades de simplicidade que a vida sempre punha a seu redor, mas que ele raramente reconhecia. Na verdade, ele passa a “ver” as oportunidades porque agora está preparado para aceitar a simplicidade. Ele aceita o ato de “parecer nada aos olhos dos outros”. Ele percebe que a busca de aplauso ou medo da reprovação de outras pessoas já é uma ilusão desnecessária.

Finalmente, surge a quarta etapa. Agora o mundo externo ganha um novo sentido diante dele. A sua presença ativa no mundo se expande outra vez, mas desta vez isso ocorre seletivamente, com base na simplicidade e a partir da sua consciência interior.

São, pois, quatro momentos aparentemente sucessivos. Primeiro, uma visão clara do seu potencial divino. Depois, uma sensação de “perda de sentido” dos velhos compromissos com o mundo externo. Em seguida, uma simplificação, passo a passo, da sua vida externa e pessoal. Finalmente, surge um novo sentido, mais interior, um impulso renovado para a sua presença forte e ativa no mundo.

Há uma certa simultaneidade nestas quatro etapas. Os diferentes momentos existem ao mesmo tempo: o que se desdobra sucessivamente é a predominância de um e de outro.

É preciso avançar em cada um dos quatro fatores, incessantemente, ao longo da caminhada. Há um esvaziamento gradual do que é externo e uma intensidade crescente do que é interior. Isso não ocorre sem crises.

É a intensidade e a profundidade do primeiro momento de despertar e da visão do potencial sagrado que dão a força e a confiança para que o indivíduo atravesse o segundo e o terceiro momentos, isto é, a sensação de perda de sentido do mundo externo e a simplificação prática da vida pessoal. Isso, por sua vez, permitirá chegar ao quarto momento, a volta da primavera, um novo tipo de motivação e entusiasmo.

Em alguns casos, a pessoa que está na primeira etapa pode achar que as etapas dois e três são muito difíceis. Quando isso ocorre, o estudante deve concentrar-se decididamente na primeira etapa, do estudo e da visão. Chegará o momento em que a percepção do potencial sagrado irá “descer” sobre vida diária tão naturalmente como um orvalho. Uma visão clara da teosofia deve anteceder, até certo ponto, a ação correta; e toda visão correta requer estudo e reflexão.

0000000000

A Força do Pensamento Habitual

Robert Crosbie

O fato de que o pensamento reproduz a si mesmo sugere a existência de centros cristalizados de pensamento, mas vemos que eles são mais do que “cristalizados”, se levarmos em conta que tudo é consciente.

Cada pensamento leva alguma forma de vida à ação; o tipo de vida que é despertada e guiada corresponde à natureza do pensamento, e a duração da ação-pensamento depende da energia colocada nela. Penso que o abrandamento da energia direta deixa uma tendência latente nas vidas conscientes, que as faz responder a uma energia similar ou análoga.

Algumas destas impressões podem ser tão profundas que deixem focos correspondentes no cérebro; assim, a lembrança ocorre mais facilmente. Outras impressões, não tão profundas, são apagadas pelas impressões que ocorrem depois delas, e não deixam focos no cérebro, mas permanecem em uma ou outra camada do cérebro, e são lembradas quando há o estímulo adequado, que pode vir de um pensamento similar ou de impressões dos órgãos ou células do corpo.

A Natureza tende a repetir toda ação; o pensamento é o plano da ação – o criador, o preservador e o destruidor dos *modos* de ação da Natureza. O plano *Manásico* [1] é o plano do númeno [2]; é o plano da *essência* do fenômeno; é o *aspecto ativo* de Atma-Buddhi.[3]

